

O neopolítico distópico: processos sociodigitais e a escalada conservadora

Victor Leandro da Silva¹

Mauricio Nascimento Braga²

Resumo: Nos anos mais recentes houve um deslocamento do debate político outrora circunscrito aos grandes veículos midiáticos e às ações praticadas corpo a corpo, para o ambiente das redes digitais. Com isso, constitui-se um novo cenário para esse tipo de discussão, o qual, embora tenha sido assimilado inicialmente com otimismo, desembocou para a organização maciça de iniciativas repressoras. O presente estudo visa abordar os aspectos conceituais estruturantes desses movimentos, bem como analisar de que maneira tais fenômenos atingem em cheio a cena pública brasileira, marcada por um forte predomínio comunicacional das frentes conservadoras, que, amparadas por uma base virtual falsamente democrática, promoveram a ascensão da extrema direita a patamares antes improváveis pelas vias eletivas.

Palavras-chave: Virtual. Redes digitais. Política. Democracia. Movimentos sociais.

¹ Licenciado em Filosofia pela UFAM. Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas.

² Licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas. Membro do Grupo Sdiscon-Linha Semiótica, pós-modernidade e crítica da cultura.

Abstract: In recent years, the political debate once limited to the media vehicle and to the face-to-face discussion shifted to the social network environment. Therewith, a new scenario is created for this type of discussion that led to the massive organization of repressive initiatives although it was optimistically assimilated at first. The present paper aims to approach the structuring concepts of those movements, and to analyze in which way these phenomena fully reach the public Brazilian scene marked by a strong communicative predominance of the conservative front supported by a virtual base falsely democratic which raised the extreme right to unlikely levels through the elective paths.

71

Keywords: Virtual. Social network. Politics. Democracy. Social movements.

Introdução

O advento e a massificação das redes sociais provocaram uma série de possibilidades que, com o passar do tempo, foram sendo aproveitadas por diversos setores da sociedade. A política, como parte integrante do corpo social, não escapou a esses desígnios, tendo muito dos seus processos atravessados pelas grandes mudanças ocorridas a partir da inserção de seus agentes nos meios digitais.

Com isso, surgiram diversos movimentos transformadores da formatação de poder em diversos países. No Brasil, tais modificações também se fizeram presentes, em especial a partir do ano de 2013. No entanto, o que parecia uma nova virada democrática, acabou se tornando mais um mecanismo de opressão social e de expansão do pensamento conservador e autoritário, gerando uma série de novas organizações que atentam fortemente contra as bases coletivistas e o estado de direito, pilares fundantes do Estado brasileiro formado desde a constituição de 1988.

Assim, discutir a presença da internet no panorama político é de importância central para entender os processos vigentes. No entanto, tal somente se realiza se entendermos a gênese de sua organização, motivo pelo qual o debate deve se iniciar pelo estudo de seus princípios, os quais encontram-se concentrados no conceito de virtual.

Sobre a virtualização

Com a popularização da internet muito tem se falado sobre o meio virtual. Contudo, para além do senso comum, o que é a virtualização? Como, e a partir de quando, começou esse fenômeno? Quais são suas consequências? De que forma afeta nossa vida?

Alguns pensadores tentaram responder essas e outras questões sobre o tema. Entre eles, destacam-se dois filósofos: Jean Baudrillard e Pierre Lévy. O primeiro nasceu em 1929, em Reims, e morreu em 2007, na capital da França; e é considerado um dos maiores teóricos da pós-modernidade, além de ser um escritor profícuo, cuja obra ultrapassa mais de 50 títulos. Já o segundo, nasceu em 1956 na Tunísia, à época colônia francesa, e vive atualmente em Paris, onde desenvolve pesquisas sobre cibercultura, inteligência artificial, tecnologias e afins. Ambos possuem perspectivas divergentes sobre a virtualização, a qual abordam

principalmente nos seus livros *Simulacros e Simulação* (1991) e *O que é o Virtual?* (1996), respectivamente.

Baudrillard e Lévy se distanciam, sobretudo, no tom adotado. Enquanto para Baudrillard a virtualização é negativa, uma vez que nos coloca em uma hiper-realidade que destrói os referenciais e, por conseguinte, “anula o real” (Baudrillard, 1991, P. 105); Para Lévy “a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra” (Lévy, 1996, p.12), é apenas um processo inerente à humanidade, que, inclusive, “constituiu-se na e pela virtualização” (Lévy, 1996, p. 75).

Segundo o filósofo de Reims, a virtualização é a “substituição no real dos signos do real” (Baudrillard, 1991, p. 9), tendo sido deflagrada na pós-modernidade; onde se verifica a “passagem dos signos que dissimulam alguma coisa aos signos que dissimulam que não há nada” (Baudrillard, 1991, p. 14). Ou seja, quando a sociedade entra em um estágio de simulação em que ela “não tem relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro” (Baudrillard, 1991, p. 13), no qual passamos a ser “zumbis autocomunicantes, com apenas o relé umbilical do retorno-imagem” (Baudrillard, 2004, p.44). O autor salienta ainda que tal situação não pode ser confundida com um fingimento. Pois, como ele ilustra, um paciente que finge estar doente, se prostrando na cama, difere de outro que simula estar doente, manifestando de forma psicossomática os sintomas. Este último fica em um entre-lugar de doente e não-doente, sendo nem um e nem outro, e, portanto, “põe em causa a diferença do <<verdadeiro>> e do <<falso>>, do <<real>> e do <<imaginário>>” (Baudrillard, 1991, p. 9-10). Exemplos do conceito baudrillardiano de simulação são abundantes na atualidade. Podemos citar o incêndio na Catedral de Notre-Dame em Paris, em 15 de abril de 2019, pois, antes mesmo das chamas serem apagadas, a opinião pública já falava em reconstruir, tal como era, a parte destruída pelo fogo. E assim, dez dias após o incidente, já haviam sido arrecadados 750 milhões de euros em doações para esse fim. O interessante neste caso é que, mesmo sendo impossível substituir parte de um edifício de mais de 600 anos, as massas viram a empreitada com naturalidade, sem admitirem que o que está perdido não pode ser restaurado, uma vez que possuía valor histórico. A ação então seria para anular um fato – o incêndio – e, através da recriação do “real”, seguir como se nada tivesse acontecido.

Para o pensador da Tunísia, entretanto, o virtual não aniquila ou se opõe ao real, mas sim ao atual. Pois Lévy parte do pressuposto da filosofia escolástica

que prega que “é virtual o que existe em potência e não em ato” (Lévy, 1996, p. 15). Dessa forma, a virtualização, segundo Lévy, esteve presente desde a origem da civilização; através, por exemplo, da virtualização da violência pelo contrato, do momento presente pela linguagem, ou da ação pela ferramenta. Cabe salientar, também, que essa mudança na atualidade acarreta uma desterritorialização, isto é, uma “não-presença”. No entanto, o autor pondera: “Mas nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde, a conversação telefônica tem ‘lugar’[...]” (Lévy, 1996, p.21). Ademais, é interessante notar que a virtualização, para ele, é um processo autônomo ao próprio ser humano, posto que “ela está inscrita na própria história da vida” (Lévy, 1996, p.23). Em suma,

A humanidade emerge de três processos da virtualização. O primeiro está ligado aos signos: a virtualização do tempo real. O segundo é comandado pelas técnicas: a virtualização das ações, do corpo e do ambiente físico. O terceiro processo cresce com a complexidade das relações sociais: para designá-lo da maneira mais sintética possível, diremos que se trata da virtualização da violência” (Lévy, 1996, p.77)

À luz dessas informações, é possível fazer uma aproximação entre conceitos tão opostos? Baudrillard desenha uma distopia; Lévy, por sua vez, vê com naturalidade as alterações no tempo e lugar, uma vez que “cada forma de vida inventa seu mundo e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos” (Lévy, 1996, p.22). Resguardando o caráter de cada um, é possível fazer os dois rios afluírem em um ponto comum?

Uma convergência é a constatação de uma perda de fronteiras. Essas fronteiras são qualquer polo que antes servia para distinguir uma posição. A saber, interior e exterior, privado e público, subjetivo e objetivo, autor e leitor, ativo e passivo, público e atração, etc. No caso do público e privado, Lévy exemplifica que, ao contrário do trabalhador tradicional, que se deslocava da esfera privada da sua casa para à pública do trabalho, “o teletrabalhador transforma seu espaço privado em espaço público e vice-versa” (Lévy, 1996, p.24).

Não obstante, Baudrillard dá mais ênfase para o fim das fronteiras entre o imaginário e o real. Segundo ele, “já não há ficção nem realidade, é a hiper-realidade que abole ambos” (Baudrillard, 1991, p. 145), sendo a etapa de apagamento o início do estado de simulação, como Baudrillard (1991, p.46) sentencia:

De facto, todo esse processo não pode ser entendido por nós senão sob forma negativa: já nada separa um pólo do outro, o inicial do terminal, há uma espécie de esmagamento de um sobre o outro [...]

É aí que a simulação começa.

[...] onde a distinção dos dois pólos já não pode ser mantida, entra-se na simulação e, portanto, na manipulação absoluta – não a passividade, mas a indistinção do ativo e do passivo.

Após essa tentativa de contato entre os dois filósofos, é interessante, novamente, salientarmos suas diferenças. Uma delas é, por sinal, referente à virtualização do corpo. Para Baudrillard, tal virtualização acontece de diversas formas, sendo a mais perceptível através da televisão; posto que, segundo seu livro, ela “transforma-nos em personagens holográficas” (Baudrillard, 1991, p. 133). Esta imagem holográfica não deve ser compreendida como semelhante ao real. Afinal, para o autor, a semelhança não existe na virtualização: “Quando um objeto é exatamente semelhante a outro, não o é exatamente, é o um pouco mais” (Baudrillard, 1991, p. 136). A imagem virtual, portanto, tem que ser compreendida como um segundo objeto, que não mantém relação com o primeiro que ela supostamente representa.

Lévy, no entanto, pensa o contrário. Para ele, o real continua preservado mesmo após sua duplicação: “A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênese do humano” (Lévy, 1996, p.33). Indo assim de encontro a Baudrillard, cuja teoria afirma que nem ao menos existe duplo:

[...] o duplo desapareceu, já não há duplo, está-se já sempre noutro mundo, que já não é outro, sem espelho nem projeção nem utopia que possa refleti-lo – A simulação é intransponível, inultrapassável, baça, sem exterioridade – nós já nem sequer passaremos << para o outro lado do espelho>> (Baudrillard, 1991, p. 155-156)

A partir desse ponto fica visível o otimismo de Lévy. Este esforça-se em apresentar aspectos positivos da virtualização. É o caso do hipertexto, que é visto como uma produção da inteligência coletiva, onde todos colaboram. Além de oferecer mais ferramentas de leitura e escrita, ao contrário do texto não digital que, embora também seja um hipertexto, já que um escrito sempre se correlaciona com outros, não é dinâmico. Em contraste, Baudrillard (2011, pgs.131 - 132) não se mostra entusiasmado com as supostas contribuições da internet para a inteligência coletiva:

Há no cyberspaço a possibilidade de realmente descobrir alguma coisa? Internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas

convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. Encarnamos, ao mesmo tempo, a interrogação automática e a resposta automática da máquina.

Retornando à linha otimista de raciocínio, Lévy (1996, p. 117) declara: “cessemos de diabolizar o virtual (como se fosse o contrário do real!). A escolha não é entre a nostalgia de um real datado e um virtual ameaçador ou excitante, mas entre diferentes concepções do virtual”. É interessante observar, no excerto, o uso do termo nostalgia. Pois tal termo é uma constante na obra de Baudrillard, que aponta que a sociedade de consumo pós-moderna é predominantemente nostálgica. Seja em seus filmes, hábitos ou qualquer outra coisa que faça ou consuma. Finalmente, o entusiasmo de Lévy, segundo ele próprio,

consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação. E cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999, p. 11)

Constata-se, portanto, que Baudrillard e Lévy possuem abordagens antagônicas em relação à virtualização. O otimismo do segundo choca-se ao pessimismo do primeiro diante da constatação de que “a simulação corresponde a um curto-circuito da realidade e à sua reduplicação pelos signos” (Baudrillard, 1991, p. 39).

Se o momento inicial de ascensão dos mecanismos virtuais deu vantagem à leitura de Lévy, os fenômenos mais recentes, em especial os ocorridos na política brasileira, põem em forte evidência a crítica baudrillardiana, tornando-a não somente significativa, como também indicadora de muitos dos processos que ora encontram-se em franco desenvolvimento, motivo pelo qual a análise do momento presente das teletecnologias e da virtualidade precisa ter como arcabouço os pressupostos estabelecidos em suas concepções.

Não obstante, alguns teóricos defendem que o termo “virtual” está obsoleto, uma vez que, com o avanço da tecnologia, atualmente é possível ficar online o tempo todo. Esses ainda afirmam que o mais adequado seria usar em seu lugar o termo “digital”. No entanto, para Baudrillard, esses dois termos

possuem conceitos diferentes; sendo o “virtual” mais abrangente, pois abarca um fenômeno típico da pós-modernidade, cujo desdobramento é o meio digital. Resgatamos, portanto, o termo “virtual” para fazer uma leitura mais ampla do que ocorre na internet, contextualizando com o cenário geral de nossa sociedade. Por isso, tomamos a liberdade de usar exemplos que vão além da *web*, como no caso da catedral de Notre Dame, por exemplo. Ao nosso ver é importante não nos limitarmos ao sentido *stricto sensu* de virtual, e sim vislumbrar o panorama completo de como a virtualização se manifesta.

Redes sociais: passagem da esperança ao obscurantismo

O advento e a proliferação da internet conferiram ao virtual um novo momento de sua realização, cujas repercussões puderam atingir, de modo nunca antes visto, a quase totalidade dos eventos relativos à vida social, especialmente no que diz respeito às relações entre indivíduos que, mediadas pela ascensão das redes sociais, expandiram-se em um ritmo bastante intenso.

Com isso, a política alterou de forma significativa sua configuração. Em diversos lugares, passaram a surgir, nos ambientes digitais, movimentos que davam conta de uma nova forma de atuação na esfera pública, agora pautada na interação entre usuários de programas como Facebook e o extinto Orkut. Dessa forma, diversos grupos puderam proliferar mais facilmente suas ideias e expandir de maneira vertiginosa o número de adeptos as suas causas, ao mesmo tempo em que se tornaram capazes de organizar, com rapidez cada vez maior, ações em prol de seus objetivos de mudança.

Criou-se, com isso, um clima de grande euforia em torno das possibilidades de luta contra a opressão através desses meios, o que não deixou de ser justificado pelo curso tomado pelos acontecimentos. No Egito, a juventude se mobilizava virtualmente para derrubar a prolongada ditadura de Hosni Mubarak, o que se repetiu em vários outros países árabes. Na Espanha, surge o *Movimento dos indignados*, e, em *Wall Street*, centro do capitalismo financeiro mundial, ocorre o *Occupy*, cujo objetivo é protestar contra as desigualdades e a ganância dos grandes grupos econômicos. Assim, o cenário geral que se apresentava no início da segunda década do milênio é de mudanças políticas estruturais importantes, e que tinham na virtualidade um mecanismo fundamental de articulação.

No Brasil, essa onda atingiu o seu ápice em 2013 quando, a partir de manifestações localizadas em torno do aumento da tarifa de ônibus em São Paulo, teve início uma série de protestos que culminaram nas Jornadas de Junho, em que foram reivindicadas inúmeras mudanças no cenário político e econômico vigente.

O sociólogo Manuel Castells, ao analisar as conjunturas articuladoras desses movimentos, aponta para uma nova fase das lutas sociais e da defesa dos direitos democráticos no mundo, na qual a mobilização pelas redes exerce papel fundamental:

Repetidas, os movimentos sociais em rede de todo mundo têm exigido uma nova forma de democracia, não necessariamente identificando seus procedimentos, mas explorando seus princípios em sua própria prática. Os movimentos, assim como a opinião pública em geral, coincidem em denunciar os escárnios a que são submetidos os ideais democráticos na maior parte do mundo [...] esses movimentos sociais em rede são novos tipos de movimento democrático – de movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet (CASTELLS, 2013, p. 180)

Tal otimismo manifestado por Castells quanto às revoltas em rede também chega às terras brasileiras, o que ele evidencia em seu comentário produzido em julho de 2013, pouco tempo depois do início das manifestações que movimentaram todo o país:

De forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo por sua vez essa consciência de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam – e estão – sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mãos na mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem. Um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo novo que já não é novo, mas as gerações mais jovens veem como seu [...] pela primeira vez, desde que, em 2010, se iniciaram esses movimentos em rede em noventa países diferentes, a mais alta autoridade institucional declarou que ‘tinha a obrigação de escutar a voz das ruas’ (CASTELLS, 2013, p. 184)

Assim, os levantes produzidos em rede, disseminados nos diversos países espalhados pelo mundo, geraram uma euforia da qual Castells e outros não puderam se esquivar, e se empenharam em imediatamente classificar como uma nova etapa do processo das lutas sociais, que teria agora novas possibilidades de transformação da realidade comum. Contudo, mesmo diante desses acontecimentos animadores,

houve vozes que alertaram para os perigos dos desenvolvimentos da sociedade virtual e das contraofensivas que poderiam ser geradas nas próprias redes contra eles.

Julian Assange³, agora feito prisioneiro do Reino Unido e sob risco de extradição para os EUA, foi um dos que mais veementemente atentaram para os riscos de se promover uma revolução pelos mecanismos digitais. O Wikileaks, organização fundada por ele e que divulga documentos sigilosos de interesse das grandes potências econômicas, frequentemente libera papéis acerca da cooperação entre os grandes conglomerados internéticos e os países de que são parceiros, mostrando as finalidades repressivas que se ocultam por trás das aparentes liberdades concedidas pelas redes.

Assange reconhece os benefícios da ampliação comunicativa promovida pela internet e seus agentes. Desse modo, ele não se coloca de forma alguma contrário ao uso de tais meios. Na verdade, o que ele procura esclarecer são os antagonismos que giram em torno deles, especialmente aqueles oriundos da relação entre mais comunicação e maior vigilância:

A vigilância é muito mais óbvia atualmente do que quando o grosso dela era feito apenas pelos Estados norte-americanos, britânico, russo e alguns outros, como o suíço e o francês. Hoje isso é feito por todo mundo e por praticamente todos os Estados, em consequência da comercialização da vigilância em massa. E ela tem sido muito mais totalizadora agora, porque as pessoas divulgam suas ideias políticas, suas comunicações familiares e suas amizades na internet. Então a situação não inclui apenas uma maior vigilância das comunicações em relação ao que existia antes, mas também o fato de que atualmente temos muito mais comunicação. E não é só uma questão do maior volume das comunicações, mas também de uma proliferação dos tipos de comunicação. Todos esses novos tipos de comunicação que antes eram privados agora são interceptados em massa. (ASSANGE, p. 43)

A vigilância eletrônica emerge à medida que também proliferam as possibilidades comunicativas. Desse modo, quanto mais a internet ganha relevância, mais controlada ela passa a ser. Disso decorre que as ações produzidas na rede passam a vigorar sob um crivo muito mais intenso, e que bloqueia ao

³ Julian Assange foi preso em 11 de abril de 2019 na embaixada do Equador em Londres, onde estava refugiado desde 2012. Autoridades dos EUA o acusam de ter conspirado para hackear computadores do governo e violado leis de espionagem. O tribunal de Westminster, na Inglaterra, anunciou que a audiência de extradição de Assange para os Estados Unidos será realizada em fevereiro de 2020.

máximo as tentativas de subversão que tentam se efetivar na realidade. Como os dados estão todos disponíveis, não fica difícil encontrar os mobilizadores e inviabilizá-los de alguma forma, o que pode ocorrer inclusive pelo uso da força. Protestos organizados virtualmente são protestos vulneráveis às forças dominantes. Sempre atentas, elas estão prontas a captar mais rapidamente esses movimentos, de modo a mantê-los sob constante contenção.

As consequências do crescimento da vigilância digital são visíveis. Cada vez menos a rede tem sido acessada para esses fins sem que sofresse uma grande interferência por parte dos opositores. O otimismo inicial cedeu lugar à desconfiança. De forma dura e violenta, os grupos sociais perceberam que se encontram dentro de uma grande armadilha, e passaram a agir com muito mais comedimento.

Mais há ainda um outro aspecto dessas ofensivas de controle. É que não somente os campos progressistas, mas também os grupos reacionários aprenderam a atuar dentro do ativismo digital. Com isso, e gozando de uma liberdade de trânsito que não é dada a seus opositores, eles instauraram uma verdadeira máquina de guerra virtual, estabelecendo com vigor uma marcha de dominação no campo da cultura, da qual o Brasil hoje talvez seja o maior exemplo de suas práticas em grande escala.

Brasil: conservadorismo digital em ascensão

As eleições presidenciais de 2014 representaram um momento de mudança no que diz respeito ao ativismo digital no Brasil. O que era antes um movimento informe e indefinido assumiu definitivamente caracteres conservadores e reacionários a partir do processo que culminou na escolha de Dilma Rousseff. Desse momento em diante, não somente a classe média nas ruas, mas principalmente grupos disseminados na internet passaram a organizar-se em torno de um oponente comum, no caso, Lula, PT e seu aliados, trazendo também todo um conjunto de valores ideológicos formatados dentro do que era considerado por eles como uma cruzada contra o comunismo, no que perseveravam ideias como Estado liberal, família, religião e uma série de pautas contrárias às diretrizes organizadas em defesa das minorias políticas, as quais foram sendo postas em xeque desde esse momento.

Para a propagação de suas posições, a internet ofereceu um campo vasto, rápido e de baixo custo. Além disso, a proliferação de aplicativos de mensagens como o WhatsApp fizeram com que um imenso número de pessoas costumeiramente inativas na rede passassem a receber conteúdos diários em que se defendiam as causas da direita, as quais, em geral, eram apresentadas por jovens que diziam lutar por um país menos corrupto e mais livre. Paralelamente, grupos progressistas também passaram a aventurarem-se nesses espaços. Formou-se, então, um cenário de disputa, e que passou a ter como grande arena a plataforma de vídeos Youtube, onde proliferaram os canais de atuação política que mostravam diariamente comentários e opiniões acerca dos principais eventos diários em Brasília.

No entanto, o que poderia ser uma batalha acirrada, revelou-se com o passar do tempo, extremamente desigual. Os canais conservadores impuseram-se com muito mais força, alcançando uma plateia muito mais numerosa e assídua. Isso pode ser verificado quando comparamos o número de seguidores dos canais do tipo *vlog*, em que um ou mais indivíduos apresentam suas opiniões sobre um tema, buscando influenciar de forma decisiva o espectador acerca da questão. O estudo dessa categoria é revelador, pois indica uma participação mais ligada à sociedade civil do que a veículos empresariais de comunicação, embora não se possa negar de nenhuma maneira a influência de grupos econômicos sobre essa. De todo modo, observando os dados⁴ obtidos, os canais ligados à direita apresentam um número bastante expressivo. É o que revela a nossa pesquisa, onde analisamos o conteúdo de canais do Youtube que tratam sobre política, para categorizá-los como Conservadores/Liberais ou Progressistas. Dedicamos três semanas para a análise dos canais de cada um dos campos, utilizando como corpus apenas os que possuíam mais de dez mil inscritos. O resultado vemos a seguir:

⁴ Dados coletados no dia 10 de abril de 2019. Para esta pesquisa, com critério de relevância, foram considerados os canais com no mínimo dez mil seguidores.

Quadro 1 - Canais conservadores ou liberais

Canal	Número de inscritos
Nando Moura	3.198.154
Mamãe, Falei	2.540.319
MBL – Movimento Brasil Livre	1.495.103
Diego Rox Oficial	1.086.345
Olavo de Carvalho	671.037
Bernardo P Küster	649.125
Terça Livre	614.217
Ideias Radicais	552.264
Canal da Direita	123.871
Leandro Ruschel	94.824
Ana Caroline Campagnolo	90.945
Lobão Oficial	88.341
Daniel Mota	73.134
Bia Kicis	61.482
Mídia Sem Máscara. Canal do astrólogo Olavo de Carvalho.	56.321
Rodrigo Constantino	56.045
Bruno Garschagen	53.516
Conde Loppeux	50.557
Percival Puggina	38.493
Canal Labre TV	36.012
Direita Já	18.275

Fonte: dados da pesquisa.

Tais números se tornam ainda mais relevantes quando colocados em cotejo com os canais de esquerda do mesmo tipo, que possuem uma quantidade de seguidores bastante inferior:

Quadro 2 - Canais progressistas

Canal	Número de inscritos
Henry Bugalho	229.466
Aquias Santarem – CRITICA BRASIL	185.059
Leonardo Stoppa	165.976
Tese Onze	152.562
Eduardo Moreira	144.309
Diego González – O Outro Lado da Informação	120.705
Spartakus Santiago	112.923
Samuel Borelli	107.296
O Historiador	102.994

Clayson	96.887
Normose	65.505
Saia da Matrix	58.787
Ad Junior	57.172
Debora Baldin	49.707
Tatoo no Toco	33.458
Mas Afinal	31.718
Os Mortadelas	29.378
Canal Questionamentos	24.639
Leonel Radde	23.418
A Nova Máquina do Tempo	22.914
Canal Púrpura	21.025
Tony Devito	19.328
Jones Manoel	18.385
Coisas que você precisa saber	18.281
Lili Schwarcz	14.767
Prof. Thiago Morais	13.648
Cibele Laura	13.085
Duard	12.437
Portal Rubem Gonzalez	12.097
Cifra Oculta	10.295

Fonte: dados da pesquisa.

Se somarmos todos os canais progressistas listados, o número alcançado é de 1.865.227 (um milhão, oitocentos e sessenta e cinco mil duzentos e vinte e sete inscritos), o que não chega nem mesmo ao quantitativo do canal de direita *Mamãe, falei*, com mais de dois milhões e quinhentos mil seguidores. Ou seja, todos os canais progressistas, juntos, chegam no máximo ao terceiro lugar entre os ligados às ideias conservadoras. Em números totais, a diferença é de mais de oito milhões e meio de seguidores.

Essa diferença diz muito não somente sobre o número de pessoas que se encontram sob a influência dos discursos propagados por tais influenciadores, como também são de fundamental importância para pensar a geração de bolhas opiniáticas em torno dos acontecimentos políticos diários, em que a rápida reação desses grupos consegue, num tempo bastante curto, produzir um conjunto coeso de interpretações favoráveis aos seus interesses.

Um exemplo dessa atuação pode ser verificado quanto aos episódios relativos à participação do ministro da economia Paulo Guedes na Câmara de Constituição e Justiça, ocorrida no dia 4 de abril de 2019. Na ocasião, houve alterações acaloradas entre o ministro e os congressistas presentes, e a sessão foi

encerrada por força de um dos desentendimentos. Tão logo ocorreram os fatos, os principais canais de direita e esquerda se apressaram em expor suas posições sobre o que ocorrera. Contudo, a diferença de alcance entre os vídeos foi enorme. Enquanto Nando Moura e Mamãe, Falei tiveram juntos mais de um milhão de visualizações, Aquias Santarém e Henry Bugalho – que são os primeiros colocados dentre os canais progressistas - reunidos, conseguiram pouco mais de cem mil expectadores, ou seja, tiveram suas intervenções sobre o evento muito menos difundidas.

O que se observa com essas constatações é algo que já é pressentido entre a maioria dos indivíduos que participam do debate político no país. Na batalha virtual, as forças reacionárias e conservadores estão em ampla vantagem. Entretanto, o que não se encontra tão evidente são os motivos que levam a essa diferença, e que apontam para a própria constituição da ordem do virtual. Esta, como produto capitalista, possui uma estrutura eminentemente favorável ao conservadorismo. Retomando a terminologia de Baudrillard (SS), no virtual encontra-se o deserto do real, ou seja, uma ausência de substância que, quando formata o território político, opera justamente no vazio que os conservadores tencionam propagar por meio de mentiras e manipulações. É isso que explica as campanhas levadas adiante por figuras como Steve Bannon ⁵ e que foram repetidas com êxito nas eleições brasileiras. Fora isso, o controle realizado por grandes empresas, somado às facilidades encontradas pelos Estados autoritários em exercer sua capacidade de coerção sobre estas, faz com que a grande rede se torne um terreno amplamente favorável para que as organizações imperialistas exerçam sua preponderância.

Pelo lado dos usuários, a estrutura formal dos canais comunicativos é feita nos moldes da Indústria Cultural, estando pronta a atingir esse público que, sem elementos de defesa, fica à mercê de suas ações, aderindo aos argumentos expostos por empatia e familiaridade. Isso poderia ser válido também para a esquerda, não fosse o fato de estar-se tratando de uma estética que é ligada imediatamente ao consumo de massas, ao qual os grupos progressistas aderem com maiores restrições.

⁵ Stephen Kevin “Steve” Bannon foi o diretor executivo da campanha de Donald Trump, nas eleições presidenciais de 2016. Após Trump ser eleito, ele se tornou estrategista-chefe da Casa Branca, até ser demitido em 5 de abril de 2017. Desde então tem atuado, sobretudo na Europa, como assessor político, estando alinhado aos movimentos conservadores e nacionalistas da “nova direita”. Em agosto de 2018, Eduardo Bolsonaro se encontrou com ele para receber conselhos para campanha de seu pai (o então candidato de extrema direita Jair Bolsonaro).

Desse modo, os resultados alcançados pelos conservadores não apenas não surpreendem, como também são a consequência inescapável das condições em que é travada a disputa. No virtual, a vantagem sempre será do capital e de tudo que está nas suas redondezas. As revoluções à esquerda hoje fazem parte apenas de um episódio na história do virtual, contra o qual o reacionarismo se impõe agora de maneira agressiva e totalizante.

A ideia então de um retorno ao real se apresenta de forma interessante. Embora haja críticas de que mesmo na virtualização ainda existe o real, não sendo, portanto, necessário retornar a ele. Porém, como apontamos, para Baudrillard o real não está imiscuído no virtual. É justamente esse o ponto do filósofo francês: no virtual, cria-se uma aparência de real e se permanece nela. Sendo assim, é aplicável a noção de retorno.

O retorno ao real

A virtualização da sociedade se apresenta como um movimento irreversível. Em todos os lugares, proliferam os telefones celulares, os hipertextos e as demais formas de manifestação das forças digitais. Nesse cenário, os grupos reacionários encontram as condições ideais para fazer proliferar seus princípios.

Mas não quer dizer que não é possível reverter tal movimento. Em sua materialidade, os processos políticos ocorrem sobretudo fora da virtualização. Dessa maneira, é importante retomar as raízes da força política, a fim de fazer virem à tona os componentes do contraditório, os quais, num segundo momento, podem vir a modificar os elementos que organizam o plano da virtualidade.

Com isso, a própria organização do virtual pode ser reestruturada, e um horizonte de mudança passa a ser possível. O mundo digital não existe somente sob os códigos monocráticos e imperialistas. Como tudo, ele deriva de uma elaboração histórica, de modo que este conserva seu dinamismo e mutabilidade, o qual, partindo de um real transformador, pode rumar para um caminho muito mais aberto e democrático.

Referências

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **Telemorfose**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.